



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

## Projeto de Voto de Saudação n.º 406/XIV

### Ao Centenário de Bernardo Santareno

Nascido em Santarém, a 19 de novembro de 1920, Bernardo Santareno – pseudónimo do psiquiatra António Martinho do Rosário – foi um dos mais relevantes dramaturgos portugueses do século XX, afirmando-se pela vasta obra literária, essencialmente no domínio do teatro, mas onde pontua a prosa e a poesia.

O seu primeiro livro de poesia, *Morte na raiz*, é publicado em 1954, com ele nascendo o pseudónimo Bernardo Santareno, em homenagem à sua cidade de Santarém e ao Santo Padroeiro do lugar de Espinheiro, onde nasceram Pai e Avós e onde passou férias na infância e adolescência. É como Bernardo Santareno que passa a ser conhecido no universo cultural português e internacional.

Seguem-se *Romances do Mar*, em 1955, e, em 1957, *Os Olhos da Víbora*. É desse ano o livro *Teatro*, com as peças *A Promessa*, *O Bailarino* e *A Excomungada* – obra que o encenador e crítico António Pedro anuncia no *Diário de Notícias* digna de qualquer país moderno do mundo, profetizando que «(...) o maior dramaturgo de todos os tempos é um jovem médico embarcado na frota bacalhoeira portuguesa que usa o pseudónimo de Bernardo Santareno».

Levando à cena *A Promessa* no Teatro Experimental do Porto, pela mão do seu diretor, António Pedro, logo a censura a retira de palco, sob pressão dos setores mais conservadores da Igreja Católica. Inicia o percurso de dramaturgo sob o signo de forte polémica, tendo Bernardo Santareno sido perseguido pelos seus valores e ideias e o seu teatro alvo da censura.

Nas duras viagens à pesca do bacalhau pelos mares da Terra Nova e da Gronelândia, em 1957 e 1958, embarcado como médico, escreve a peça *O Luge* e o livro de viagens *Nos Mares do Fim do Mundo*, profundamente humanista. É Bernardo Santareno quem introduz na sociedade portuguesa uma nova forma de ver e de sentir o duro sofrimento dos pescadores, por contraponto à propaganda do regime.

No período que medeia entre 1957 e 1980, escreve dezasseis peças, que perseguem a luta pela liberdade e a dignidade do ser humano contra todas as formas de opressão – causas do intelectual de esquerda que sempre foi, tendo aderido à Juventude Comunista em 1941, data a partir da qual milita no Partido Comunista Português. A última peça, *O Punho*, de 1980, só foi publicada postumamente, em 1987.

Personalidade de profunda cultura, acompanha a obra de Federico Garcia Lorca, contactando com o existencialismo de Sartre, com Ionesco, ou com Jean Genet, de quem foi tradutor e cujo teatro representou pela primeira vez em Portugal.



## ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

A importância da obra de Bernardo Santareno – desaparecido em 29 de agosto de 1980, e de cujo nascimento se celebra, em 2020, o centenário – reside na centralidade que deu aos direitos e às liberdades individuais por oposição aos preconceitos morais e sociais de um Portugal atrasado e isolado do resto do mundo, abordando temas originais e não consensuais para a época, como o papel da mulher na sociedade, nas instituições e no casamento.

A Assembleia da República, reunida em Sessão Plenária, evoca Bernardo Santareno, saudando e associando-se às Comemorações Nacionais do Centenário do seu Nascimento (1920 – 2020), às quais concedeu o seu Alto Patrocínio.

Palácio de São Bento, 26 de novembro de 2020

As Deputadas e os Deputados